

***Impactos socioeconômicos ocasionados pela  
pandemia da COVID - 19 nos trabalhadores do turismo  
no Brasil***

***Socioeconomic impacts caused by the COVID-19 pandemic  
on tourism workers in Brazil***

**Clébia Bezerra da Silva**

Professora do Curso Superior de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal/RN, Brasil

E-mail: clebia.silva@ufrn.br

**Suellen Alice Lamas**

Professora do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET-RJ, Nova Friburgo/RJ, Brasil

E-mail: suellen.lamas@cefet-rj.br

**Edson Domingos Nascimento**

Professor do Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer do Instituto Federal do Piauí – IFPI, Pedro II/PI, Brasil

E-mail: edsondn@ifpi.edu.br

*Artigo recebido em: 20-06-2022*

*Artigo aprovado em: 02-03-2023*

## RESUMO

Em um momento em que toda a cadeia de valor do turismo é impactada direta e indiretamente pela pandemia da Covid-19, considerada como sem precedentes na história global, faz-se pertinente avaliar as condições de trabalho e renda dos trabalhadores do turismo no Brasil. Com base nessa realidade, faz-se o questionamento: como foram impactados os trabalhadores do setor de turismo no Brasil em meio à pandemia da Covid-19? Deste modo, o presente artigo buscou investigar os impactos socioeconômicos dessa pandemia nos trabalhadores do turismo no Brasil, a partir deles próprios. Uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem quantitativa foi realizada. Valeu-se de um instrumento de pesquisa *on-line* para a coleta de dados, totalizando 1008 questionários válidos. A coleta aconteceu entre os dias 22 de abril a 8 de junho de 2020. A análise dos dados foi feita utilizando-se estatística descritiva. Os resultados permitiram demonstrar que o cenário mundial de impactos negativos no setor de turismo apontado na literatura também se repete no Brasil, com fechamento de empresas, desemprego, precarização das condições de trabalho, diminuição da renda dos trabalhadores, entre outros, ainda que em determinada faixa temporal, o cenário da situação da força de trabalho no turismo nacional, que se diferencia, a partir das relações de trabalho – formalidade ou informalidade, mas que, de modo geral, revela o fechamento de empresas, desemprego, diminuição da renda dos trabalhadores, preocupação pelas incertezas impostas pela crise, entre outros impactos que são abordados nesta investigação.

**Palavras-chave:** Turismo. Trabalhadores. Covid-19. Impactos Socioeconômicos.

## ABSTRACT

At a time when the entire tourism value chain is directly and indirectly impacted by the Covid-19 pandemic, considered as unprecedented in global history, it is pertinent to evaluate the working conditions and income of tourism workers in Brazil. Based on this reality, the question is asked: how were workers in the tourism sector in Brazil impacted in the midst of the Covid-19 pandemic? Thus, this article sought to investigate the socioeconomic impacts of this pandemic on tourism workers in Brazil, based on themselves. An exploratory and descriptive research with a quantitative approach was carried out. It used an online research tool for data collection, totaling 1008 valid questionnaires. The collection took place between April 22 and June 8, 2020. Data analysis was performed using descriptive statistics. The results showed that the world scenario of negative impacts on the tourism sector pointed out in the literature is also repeated in Brazil, with closing of companies, unemployment, precarious working conditions, decreased income of workers, among others, although in a given time band, the scenario of the situation of the workforce in national tourism, which differs from the labor relations – formality or informality, but which, in general, reveals the closure of companies, unemployment, a decrease in workers' incomes, concern about the uncertainties imposed by the crisis, among other impacts that are addressed in this research.

**Keywords:** Tourism. Workers. Covid-19. Socioeconomic Impacts.

## 1. INTRODUÇÃO

O turismo, pela perspectiva econômica, caracteriza-se como uma importante atividade para o desenvolvimento socioeconômico de um destino, com grande potencial para a geração de empresas e empregos. O mercado de trabalho em turismo mostrou-se promissor nos últimos anos, sendo considerado um dos setores econômicos mais dinâmicos e de acelerado crescimento (Organização Internacional do Trabalho [OIT], 2017). No Brasil, por exemplo, foi a atividade de serviços (setor terciário) que mais cresceu (Ministério do Turismo [MTur], 2016). Todavia, com a chegada e expansão da pandemia da Covid-19 pelo mundo, considerada como oficial após a confirmação dos primeiros casos, em novembro de 2019 na China e em fevereiro de 2020, no Brasil, o turismo foi um dos primeiros setores da economia a ser impactado, dadas as restrições e/ou proibições de deslocamento e acesso aos destinos (Chinazzi, Davis, Ajelli, Gioannini, Litvinova, Merler & Vespignani, 2020; *World Tourism Organization* [UNWTO], 2020).

Além da crise sanitária, no que se refere mais especificamente às consequências da pandemia sobre o emprego, destaca-se o aumento do desemprego, o que acarreta a elevação da informalização do trabalho, a terceirização, trabalho em tempo parcial, enfim, a precarização do trabalho, das condições de trabalho e dos direitos dos trabalhadores (Costa, 2020).

Considerada como uma catástrofe sem precedentes na história mundial da Idade Contemporânea, desde a Segunda Guerra Mundial (Darsono, Rohmana & Busro, 2020; Riadil, 2020), a pandemia da Covid-19 também impactou negativamente de modo inesperado e imensurável toda a atividade turística, desencadeando a interrupção do funcionamento de empresas e espaços de turismo e lazer, a demissão de trabalhadores, o cancelamento de viagens, entre outros impactos. Com base nessa realidade, faz-se o questionamento: como foram impactados os trabalhadores do setor de turismo no Brasil em meio à pandemia da Covid-19?

A partir desse contexto, o presente estudo tem como objetivo: investigar os impactos socioeconômicos da pandemia da Covid-19 nos trabalhadores do turismo no Brasil, a partir das perspectivas deles. Tais dados poderão fornecer informações sobre o cenário, ainda que em determinada faixa temporal, da situação da força de trabalho no turismo nacional, o que poderá contribuir com a gestão pública e/ou privada dos destinos na compreensão dos efeitos dessa pandemia no mercado de trabalho em turismo, a elaboração de políticas públicas de reinserção desses trabalhadores no setor, bem como medidas para retomada do setor, como um todo. Isso justifica, portanto, a relevância dessa pesquisa.

O presente artigo é iniciado com a fundamentação sucinta de temas que são basilares para a proposta da investigação – pandemia, emprego e trabalho – no contexto do turismo. Em seguida, apresenta-se a abordagem metodológica utilizada, para então, se analisar e debater os resultados encontrados. Por fim, considerações gerais, juntamente com as limitações da pesquisa e seus possíveis encaminhamentos futuros são delineados.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Turismo, Trabalho e Pandemia

Na década de 1970, já era possível observar as mudanças estruturais que surgiram na economia global, as políticas econômicas neoliberais. Desta forma, nos anos de 1980, já era possível perceber as mudanças tanto no trabalho quanto no emprego acrescidas pelo avanço das tecnologias da informação e comunicação [sociedade tecnologicizada e digitalizada (Antunes, 2018)], gestão e organização do trabalho, resultando em novas relações de trabalho e seu processo de flexibilização (Alves, 2000; Antunes, 2018).

Instabilidade, insegurança permeiam as relações de trabalho, como a busca pelo trabalho sem contrato pelos empresários, o que prejudica o trabalhador e amplia a “uberização” e “pejotização” (criação de pessoas jurídicas para prestação de serviços, o que implica em burlar direitos trabalhistas, nesse contexto), ou seja, o “escravo digital” (Antunes, 2018, p. 23). Neste século XXI, cada vez mais, os seres humanos dependem quase que exclusivamente de sua forma de trabalho para sobreviver e deparam-se com um cenário cada vez mais precário das relações de trabalho, ou ainda pior, deparam-se com o desemprego, visto que os empregos vêm diminuindo em escala global. Isso contribui para o surgimento do trabalho informal, precarizado, intermitente e flexível e com menores níveis de remuneração dos que ainda conseguem trabalho (Antunes, 2018; Tavares, 2004). Pode-se dizer que o cenário de precarização do trabalho foi ampliado e potencializado com a pandemia da Covid-19, iniciada no final de 2019.

O distanciamento social, a redução da atividade industrial, as restrições de viagens levaram a uma força de trabalho reduzida em todos os setores econômicos e causaram a perda de muitos empregos (Nicola, Alsafi, Sohrabi, Kerwan, Al-Jabir, Iosifidis & Agha, 2020), o que elevou o receio de uma recessão econômica por muitos governos que hesitaram sobre a tomada de medidas como controle de fronteiras, fechamento de setores do comércio e serviços, e controle da circulação da população e da área de contágio.

As ações, ao mesmo tempo que combateram a transmissão do vírus, atacaram um dos pilares da economia – o consumo social, que envolve as atividades realizadas com a necessidade do contato entre as pessoas (relações interpessoais), como ocorre, por exemplo, em restaurantes, shoppings, *happy hours* ou em viagens (Wren-Lewis, 2020).

O turismo representa um setor importante na economia de muitos países, o que pode ser exemplificado com a quantidade de trabalhadores do setor visto no painel “Emprego no Turismo” em pesquisa feita pela UNWTO e Telefônica (2022) (Figura 1), que inclui empregos no turismo por destino nos últimos 10 anos.

Figura 1 – Total de funcionários na indústria do turismo (milhares).

COUNTRY	TOTAL EMPLOYEES (1000)
United States	5.925
Philippines	5.365
Korea (ROK)	2.695
Spain	2.605
Germany	2.198
Brazil	2.183
Turkey	1.569
France	1.368
South Africa	740
Australia	646
Angola	579
Saudi Arabia	552
Morocco	548

Fonte: World Tourism Organization, Telefônica (2022).

A elevada geração de empregos no setor de turismo está relacionada às características da atividade turística, visto que suas operações requerem extensa mão-de-obra e geram um efeito multiplicador em atividades conexas (OIT, 2017; UNWTO, 2010; Rabahy, 2019). O trabalho no setor turístico compreende a prestação de serviços de apoio aos turistas (agenciamento de viagens, transportes, hospedagem, restauração e lazer) e a outros públicos não turistas.

Pelo supracitado, acredita-se que o turismo foi (e ainda é) um dos setores econômicos mais afetados, pois a crise compromete o deslocamento de pessoas, o intercâmbio sociocultural, elementos essenciais da atividade. O bloqueio das fronteiras, as restrições de viagens internacionais e a redução dos fluxos turísticos domésticos, diminuiram drasticamente os negócios em turismo durante os últimos meses, visto que a cadeia produtiva do turismo é complexa e capilar, envolvendo muitos setores, alguns se apresentam informais, como: vendedores ambulantes, artesãos e condutores, grupos ocupacionais de difícil mensuração de perda de emprego, faturamento e receita.

## 2.2 Empregos no Turismo

As várias possibilidades de trabalho que o turismo proporciona são inegáveis. Entre os empregos gerados no turismo, há de se destacar a participação das mulheres e jovens nesses postos de trabalho e a importância das micro, pequenas e médias empresas em sua geração. Porém, essas questões são reiteradamente ignoradas pelas políticas e estratégias de desenvolvimento turístico (OIT, 2017). No caso específico dos trabalhadores, mesmo sendo eles os responsáveis pela prestação do serviço, por representar a empresa, orientar os visitantes sobre questões de cunho cultural, social do local visitado, entre outras orientações, ainda assim, ficam à margem nessas estratégias (Meliani, 2012; Meliani & Gomes, 2010).

O setor também apresenta elevada incidência de trabalho informal, o qual segundo Araújo e Lombardi (2013), corresponde ao emprego doméstico e ao trabalho autônomo que estão conectados pelos processos de terceirização, destacadamente entre as pequenas ou microempresas, o assalariado desprotegido, o próprio trabalhador autônomo e outras formas de contratações flexíveis (via cooperativas de trabalho, o trabalho de estagiários, a contratação como pessoa jurídica [pejotização]).

No geral, há baixa qualificação ou a falta dela, trabalhos mais vulneráveis, maiores possibilidades de condições precárias de trabalho, *stress*, desigualdade de oportunidades, violências sexuais, jornadas de trabalho prolongadas, acentuada taxa de rotatividade nos postos de trabalho, flexibilidade e mudanças tecnológicas, proteção social limitada; empregos temporários, noturnos, parciais, terceirização (OIT, 2011, 2017). Tudo isso, expõe o trabalhador, o que dificulta o trabalho decente, porém, deve-se registrar que há formas atípicas de empregos que podem ser benéficas para ambas as partes se respeitadas as condições de um emprego decente (OIT, 2011, 2017).

Sobre o que vem a ser trabalho decente, a OIT, e demais agências da Organização das Nações Unidas (ONU), considera-o um conceito abrangente e em construção (com componentes quantitativos e qualitativos). O trabalho decente é o que promove, para mulheres e homens oportunidades para que “obtenham um trabalho produtivo e de qualidade, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humanas, sendo considerado condição fundamental para a superação da pobreza, a redução das desigualdades sociais, a garantia da governabilidade democrática e o desenvolvimento sustentável” (OIT, <https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-decente>, recuperado em 10, março, 2022).

Apesar de o trabalho decente ser uma das condições do turismo sustentável, as ações voltadas aos trabalhadores não condizem com isso e com o emprego decente, em sua maioria (McNamara, Bohle & Quinlan, 2011). As forças de mercado e as prescrições neoliberais contribuem para a precarização do trabalho, não só no turismo, mas em outras áreas e entre países, perpetuando as geografias de desigualdade, principalmente nos países em desenvolvimento (McNamara, Bohle & Quinlan, 2011).

A pandemia da Covid-19 acentuou as questões supracitadas, pois provocou a perda temporária e definitiva de empregos de milhares de pessoas em todo o mundo (Baldwin & Mauro, 2020; Parisotto & Elsheikhi, 2020), com elevado impacto no setor de turismo e eventos esportivos (Gössling et al., 2020; Higgins-Desbiolles, 2020; Nicola et al., 2020). Soma-se a isso, as condições precárias de trabalho no turismo. Como exemplo, os milhares de trabalhadores de cruzeiros que ficaram nos navios enquanto os passageiros foram repatriados (Higgins-Desbiolles, 2020).

No Brasil, algumas das ações de apoio do Governo Federal, por meio da Medida Provisória n.º 936, convertida na Lei n.º 14.020, de 2020 que trata do Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda e dispõe sobre medidas trabalhistas complementares, diretamente aos trabalhadores foram: a redução proporcional de jornada de trabalho e de salário; a suspensão do contrato de trabalho por dois meses para trabalhadores com carteira assinada (formais); e o auxílio financeiro emergencial no valor de R\$ 600,00 destinado aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados por cinco meses (Ministério da Economia, <https://servicos.mte.gov.br/bem/>, recuperado em 10, março, 2022). Mas, essas ações ainda ficam aquém das necessidades dos trabalhadores.

A Agência IBGE Notícias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na série sobre ações e dados para combater a pandemia da Covid-19, apontou que o desemprego subiu para 13,1% e atingiu 12,4 milhões de pessoas na quarta semana de junho de 2020, em relação à semana anterior. Houve também aumento da taxa de trabalhadores informais (sem carteira assinada), que ficou em 34,5%, no mesmo período, afetando 28,5 milhões de pessoas, sendo que em maio de 2020, foram 29,9 milhões (IBGE, <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>, recuperado em 23 de dezembro, 2021). A Agência fez a ressalva que essas estatísticas produzidas no período da pandemia são classificadas como experimentais, devendo seu uso ser feito cautelosamente.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV), estimou dois cenários de perda de empregos, específicos para o turismo: um com o fim das medidas propostas para proteção do emprego que

acarretaria menos 1.114.182 empregos, e outro, com a manutenção das medidas, no qual a perda seria de menos 669.831 empregos (FGV, 2020). Isso sem considerar os trabalhadores informais.

No ano de 2018, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, <http://extrator.ipea.gov.br/>, recuperado em 24 de julho, 2020), os empregos formais no turismo representaram 2.065.979 milhões de ocupações e no ano de 2015, com relação à distribuição por região, gênero dos trabalhadores e remuneração, a maior concentração foi na região Sudeste que também teve os trabalhadores de gênero masculino os mais bem remunerados.

Outro estudo, que aborda a situação do turismo e dos empregos relacionados ao turismo no Brasil, é o de Sakowski (2015), que mostrou a dependência do turismo, com base na quantidade de estabelecimentos. No Distrito Federal (DF), essa taxa de dependência do turismo [mostram como a oferta do turismo pode ser analisada e compreendida a partir de uma perspectiva espacial e, são calculadas utilizando-se a quantidade de estabelecimentos, empregos e massa salarial nas atividades características do turismo e na economia em geral] era de 9,0%, podendo sua relevância estar subestimada devido ao setor público; em Roraima (RR) de 8,6%, mas os estabelecimentos nas atividades características do turismo (ACTs) só correspondiam por 0,15% dos estabelecimentos no setor no Brasil. Alagoas (AL) com 8,5% e Rio de Janeiro (RJ) com 8,0% destacaram-se como os mais importantes em termos da contribuição das ACTs para o número de estabelecimentos no conjunto da economia. Já os estados do Amapá (AP), Rio Grande do Norte (RN), São Paulo (SP) e Bahia (BA) foram considerados mais dependentes do turismo que a média nacional e, em valores relativos, destacaram-se SP (29,4%), Minas Gerais (MG) 11,9% e RJ (9,5%) com a maior quantidade de estabelecimentos no setor de turismo (Sakowski, 2015). Se considerados os municípios, os mais dependentes foram Fernando de Noronha/PE (65%), este um distrito, Cairu/BA (60,4%), Jijoca de Jericoacoara/CE e (56%), Tibau do Sul/RN (45,6%).

Com relação aos empregos relacionados ao turismo (ACTs), nas unidades da federação, as maiores dependências foram: DF (7,0%), RJ (6,8%), RN (6,7%) e BA (6,0%), que tiveram valores acima da média nacional (5,0%). Já nos municípios houve 128 com taxa de dependência do turismo baseada em empregos igual ou superior a 20%, sendo que em 24 desses as ACTs concentraram 50% ou mais do emprego na economia (Sakowski, 2015).

No tocante à importância do setor de turismo na geração da massa salarial, Sakowski (2015), no geral, identificou que foi nos estados litorâneos. Assim, a taxa de dependência do turismo foi maior no RN (4,8%), RR (4,5%), BA (4,2%) e RJ (4,1%) e menor no Amazonas (AM) 2,6%, Acre (AC) 2,7% e Rondônia (RO) 2,8%. Em valores absolutos, o padrão é similar

ao da distribuição de estabelecimentos e empregos, com SP (60,8%), RJ (39,3%) e MG (8,7%) sendo responsáveis pela geração de 80,8% da massa salarial total nas ACTs no país (Sakowski, 2015).

Todo esse panorama mostra a importância do turismo, tanto em nível mundial, no Brasil e como ele se apresenta em seus estados e municípios, reforçando a necessidade de compreender os impactos da pandemia da Covid-19 no setor e as medidas necessárias para sua retomada, sendo também um momento para se traçar estratégias mais eficientes para se alcançar de forma mais ampla o trabalho decente no setor.

### 3. METODOLOGIA

Tendo por base o objetivo desta pesquisa, sua abordagem é majoritariamente quantitativa e de caráter exploratório e descritivo. Para sua realização foi feita uma revisão de literatura em livros, periódicos, documentos, sites de organizações científicas e sites de organizações como OIT, OMT, Ipea, OMS, entre outros, para fornecer subsídios teóricos ao estudo.

A pesquisa abrangeu os trabalhadores do setor de turismo do Brasil, sendo consideradas todas as pessoas, maiores de 18 anos, que desenvolvessem algum trabalho relacionado ao turismo e por ele, fossem remuneradas.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário *on-line*, que continha 38 questões que versavam sobre informações acerca da situação socioeconômica do respondente antes e durante a pandemia da Covid-19 e a caracterização do participante. Dada a abrangência da discussão possibilitada pelas questões desse instrumento, os pesquisadores as dividiram em três grupos para a divulgação dos dados – impactos socioeconômicos; percepções gerais; e cenário – antes e depois.

No presente artigo, específico sobre os impactos socioeconômicos, foram abordadas 17 questões que apresentam, para além da caracterização do perfil socioeconômico dos participantes, informações sobre a situação atual do trabalho dos trabalhadores e do funcionamento de empresas e outros locais de trabalho; a necessidade de complementação de renda; as condições de trabalho em novos empregos; a situação da renda; as condições econômicas de manutenção do trabalhador ao longo dos meses; e o impacto da pandemia no trabalho. A questão aberta que permitia que comentários fossem retratados sobre a situação de pandemia e/ou opiniões sobre o questionário, também foi considerada.

O questionário foi disponibilizado por meio do aplicativo *on-line Google Forms*. As etapas de coleta ocorreram no ano de 2020, a saber: 1) entre os dias 18 e 20 de abril foi feito o teste piloto, com um questionário específico para os trabalhadores formais e outro para os informais, totalizando 20 questionários aplicados; 2) adequação das questões e a junção dos questionários, de forma que a depender se o respondente era trabalhador formal ou informal ele seria direcionado para responder algumas perguntas específicas sobre seu trabalho; 3) a coleta aconteceu entre os dias 22 de abril a 8 de junho. Os participantes da pesquisa foram contatados por e-mails e redes sociais, principalmente pelo *WhatsApp*. Os contatos foram viabilizados por meio de sites como o do Sistema Nacional de Cadastro dos Prestadores de Serviços Turísticos do Ministério do Turismo (Cadastur), redes sociais, sites de organizações de artesãos, por exemplo, entre outros que estavam publicados em locais de acesso livre.

Foram contabilizados 1069 questionários que, após exclusões de questionários repetidos (44), de respondentes que não faziam parte do público-alvo da pesquisa (16) e um (01) questionário incompleto, chegou-se a 1008 questionários válidos.

A análise das perguntas fechadas selecionadas foi realizada por estatística descritiva (média, frequência), que engloba a organização, o resumo e a descrição dos dados a serem usados nas discussões de cunho descritivo ou analítico (Malhotra, 2001); com *associação* de variáveis e com apoio do *software Statistical Package for the Social Sciencs (SPSS)*, versão 22 para *Windows*.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que um perfil geral dos participantes pudesse ser caracterizado, informações a respeito do local de residência (estado e cidade), gênero, faixa etária, estado civil, nível de escolaridade e renda, foram indagadas.

Obteve-se respostas das cinco regiões brasileiras e dos 26 estados e DF, com representação de 994 cidades e cinco regiões administrativas do DF. A distribuição por regiões brasileiras dos trabalhadores do turismo deu-se, em ordem decrescente, da seguinte maneira: 408 (40%) respondentes são da região Nordeste; 305 (30%) da região Sudeste; 107 (11%) da região Norte; 98 (10%) da região Centro-Oeste e 90 (9%) da região Sul.

Quanto ao gênero, 548 (54,8%) dos respondentes são do gênero feminino; 456 (45,2%) do masculino e 04 (4%) sinalizaram ser de outros gêneros. Com relação à faixa etária, é possível identificar que a maioria dos respondentes 235 (23,5%) têm idade entre 34 e 41 anos. No que se refere às outras faixas etárias, observou-se que: 99 (9,9%) dos respondentes têm idade entre

16 e 25 anos; 213 (21,1%) entre 26 e 33 anos; 184 (18,2%) entre 42 e 49 anos; 161 (16%) entre 50 e 57 anos; e 93 (9,2%) entre 58 e 65 anos. Cabe ainda, ressaltar os participantes com idade acima de 65 anos 23 (2,3%) que, embora em número menor, tiveram representação no mercado de trabalho do turismo.

Quanto ao estado civil, a maioria dos respondentes 516 (51,2%) se declararam casados ou juntos ou em união estável; 381 (37,8%) são solteiros; 98 (9,7%) separados ou divorciados e 13 (1,3%) são viúvos.

Quanto à escolaridade, mais da metade dos respondentes 573 (56,8%) possuem ensino superior completo. Parcela significativa de 212 (21%) corresponde aos trabalhadores ainda em formação superior. Destaca-se também a porcentagem de trabalhadores com ensino médio completo 175 (17,4%). Com relação aos demais níveis de escolaridade declarados, tem-se que: 12 (1,2%) tem ensino fundamental incompleto; 17 (1,7%) ensino fundamental completo; e 19 (1,9%) ensino médio incompleto.

Em relação à renda mensal dos trabalhadores do turismo antes da pandemia da Covid-19, pode-se ver que a maioria dos participantes da pesquisa 452 (44,8%) declararam receber acima de 1 até 3 salários-mínimos, já 245 (24,3%) acima de 3 até 5 salários-mínimos e percentual importante 143 (14,2%) até 1 salário-mínimo. Em menor proporção, mas também expressiva, tem-se: 97 (9,6%) recebiam acima de 5 até 8 salários-mínimos; 34 (3,4%) acima de 8 até 10 salários-mínimos; e 37 (3,7%) acima de 10 salários-mínimos.

Assim pelo exposto, pode-se inferir, em síntese, que os trabalhadores do turismo, que foram alcançados por esta pesquisa, são majoritariamente: do gênero feminino; na faixa etária entre 34 e 41 anos; casados, juntos ou em união estável; têm ensino superior completo; com renda mensal acima de 1 até 3 salários-mínimos.

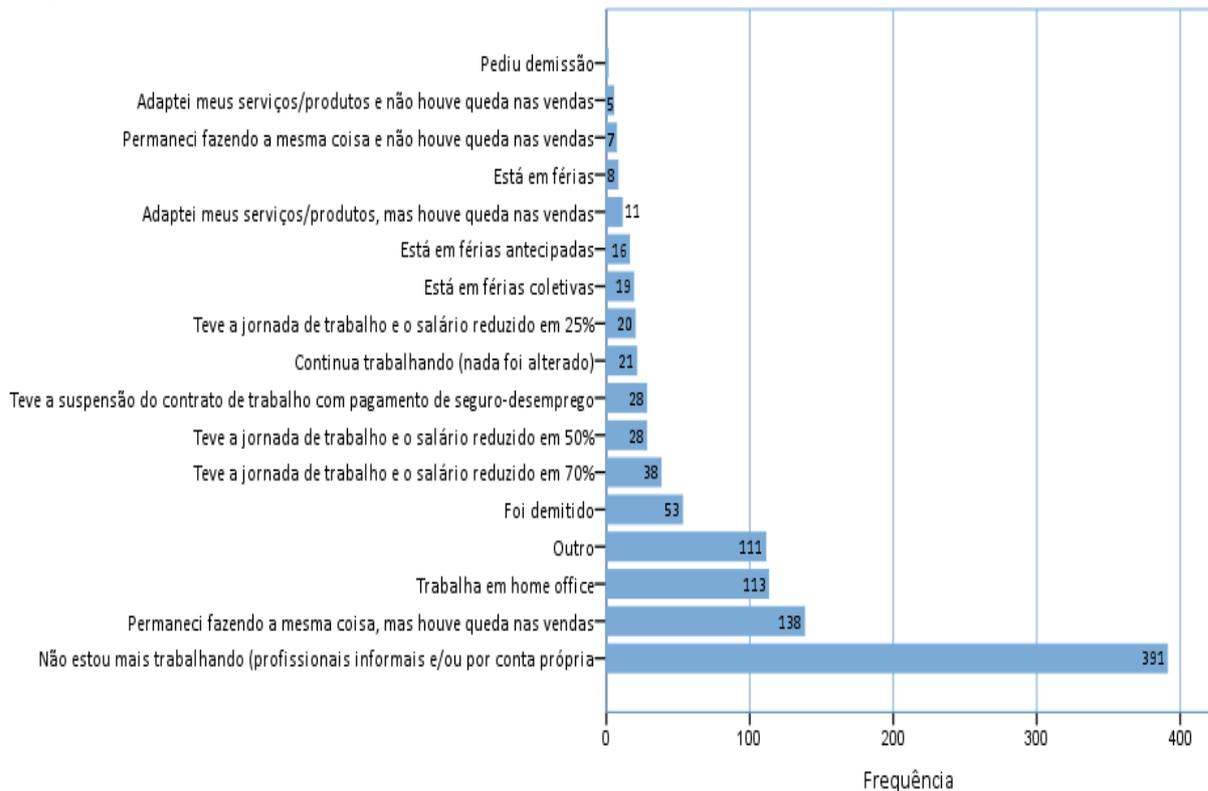
Os dados da caracterização socioeconômica da presente pesquisa demonstram que a participação das mulheres e jovens se destacam nos postos de trabalho do turismo assim como verificado pela OIT (2017) em nível mundial. Entretanto, difere-se do estudo dessa organização ao não evidenciar uma taxa elevada de trabalho informal, que é tão característico do setor de turismo.

Para a análise dos impactos da pandemia da Covid-19 nos trabalhadores do turismo, os participantes foram inicialmente indagados sobre a situação que mais se aproximava de suas realidades com relação ao seu trabalho face a chegada dessa pandemia.

Evidencia-se, a partir do que é demonstrado na Figura 2, três situações trabalhistas: 391 (38,8%) dos trabalhadores informais ou que trabalhavam por conta própria não estão mais

trabalhando; 138 (13,7%) dos trabalhadores permaneceram fazendo a mesma coisa, mas com queda nas vendas e 113 (11,2%) deles estão trabalhando em casa (*home office*).

Figura 2 – Situação de trabalho dos trabalhadores do turismo com a chegada da pandemia da Covid-19.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Outras situações referentes à permanência ou a adaptações no trabalho, férias, demissão, reduções na jornada de trabalho e salário também podem ser identificadas na Figura 2.

É possível observar na Tabela 1 a situação em que se encontravam os participantes da pesquisa com relação ao trabalho que desenvolviam no setor de turismo, entre as possibilidades, destaca-se a considerada a mais prejudicial para os trabalhadores, ou seja, a situação de não estarem mais trabalhando, a qual correspondeu à parcela expressiva dos respondentes (391 ou 38,8%).

Tabela 1 - Situação de relação de trabalho dos trabalhadores de turismo devido a chegada da pandemia do novo coronavírus (Covid-19).

	Frequência	Porcentagem (%)	Porcentagem acumulativa (%)
Permaneceu fazendo a mesma coisa e não houve queda nas vendas	7	0,7	0,7
Permaneceu fazendo a mesma coisa, mas houve queda nas vendas	138	13,7	14,4
Adaptou os serviços/produtos e não houve queda nas vendas	5	0,5	14,9
Adaptou os serviços/produtos, mas houve queda nas vendas	11	1,1	16,0
Não estava mais trabalhando (profissionais informais e/ou por conta própria)	391	38,8	54,8
Está em férias	8	0,8	55,6
Está em férias antecipadas	16	1,6	57,1
Está em férias coletivas	19	1,9	59,0
Trabalha em <i>home office</i>	113	11,2	70,2
Teve a jornada de trabalho e o salário reduzido em 25%	20	2,0	72,2
Teve a jornada de trabalho e o salário reduzido em 50%	28	2,8	75,0
Teve a jornada de trabalho e o salário reduzido em 70%	38	3,8	78,8
Teve a suspensão do contrato de trabalho com pagamento de seguro-desemprego	28	2,8	81,5
Continua trabalhando (nada foi alterado)	21	2,1	83,6
Pediu demissão	1	0,1	83,7
Foi demitido	53	5,3	89,0
Outro	111	11,0	100,0
<b>Total</b>	<b>1008</b>	<b>100,0</b>	

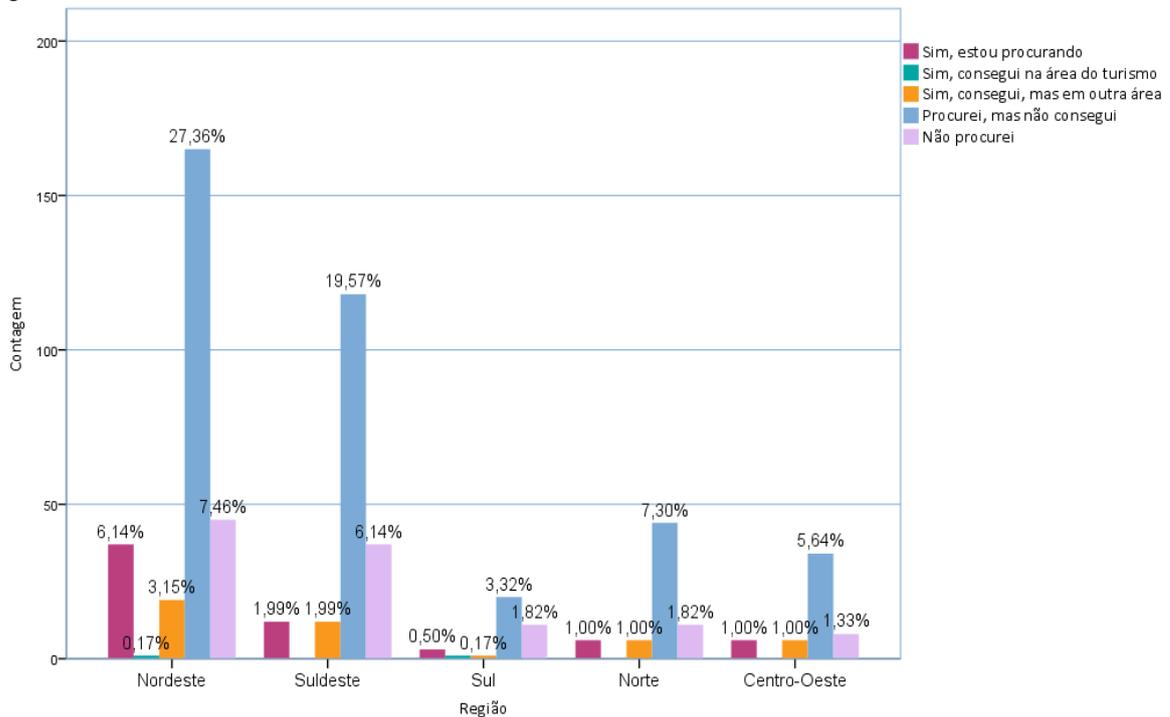
Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Apreende-se com tais reflexões que o desemprego e a queda da renda dos trabalhadores assolaram a quase todos eles. Poucos afirmaram não terem sido impactados com a pandemia (21 ou 2,1%).

Quando interrogados sobre a necessidade de se ter outra renda ou no caso de terem sido demitidos, considerando o total de respondentes, 112 (11,1%) não procuraram outro trabalho, enquanto 381 (37,8%) ainda não conseguiram. Por outro lado, 64 (6,3%) dos respondentes estão à procura e 46 (4,6%) já conseguiram outro trabalho. Destes, 44 (4,4%) em outra área e 02 (0,2%) na área de turismo.

Na Figura 3 essas situações são ilustradas por região. Apenas nas regiões Nordeste e Sul, os trabalhadores conseguiram uma recolocação no mercado de trabalho do turismo (0,17% ou 1 em cada). Em todas as regiões, porém, foi possível uma recolocação no mercado de trabalho, ainda que em outras áreas. Salienta-se, por último, que na região Nordeste a procura por outro trabalho foi expressiva, se comparada às demais regiões – 37 (6,14%).

Figura 3 – Procura por outro trabalho pelos trabalhadores do turismo durante a pandemia da Covid-19 por região.



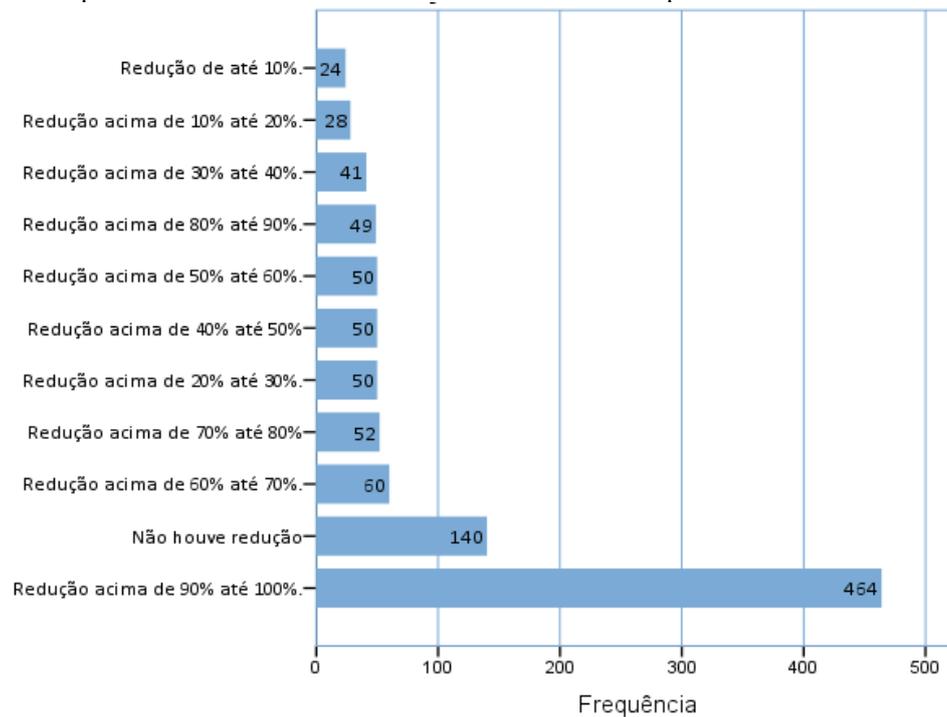
Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Aos participantes que conseguiram outro trabalho foi questionado se as condições de trabalho atuais eram melhores que as anteriores (13,2% disseram que sim), para 28,2% as condições estão iguais a anterior e para 47,8% as condições estão piores que anterior; já 10,8% não responderam.

Depreende-se desses dados, resultado semelhante ao observado no estudo de Sakowski (2015) que aponta as regiões Sudeste e Nordeste como as mais dependentes do turismo com relação à quantidade de estabelecimentos e de empregos, o que permite entender os impactos expressivos nos trabalhadores e empresas dessas regiões. Igualmente, Nery (2020) descreve, com base na Pesquisa Pulso Empresa – Impacto da Covid-19 nas Empresas, com dados de junho de 2020, que as regiões Nordeste (72,1%) e Sudeste (65%) foram as mais atingidas pela pandemia da Covid-19 afetando todas as atividades econômicas, inclusive o turismo. Soma-se a essas regiões, o Centro-Oeste com 62,9% de suas atividades impactadas.

Com relação à renda (Figura 4), houve redução acima de 90% a 100% do valor total para 46% (ou 464) dos trabalhadores; 21,1% (ou 211) tiveram redução acima de 50% a 90%; 19,3% (ou 193) tiveram alguma redução até 50% enquanto 13,9% (ou 140) respondentes não tiveram nenhuma redução na renda.

Figura 4 - Impacto na renda dos trabalhadores do turismo durante a pandemia da Covid-19.

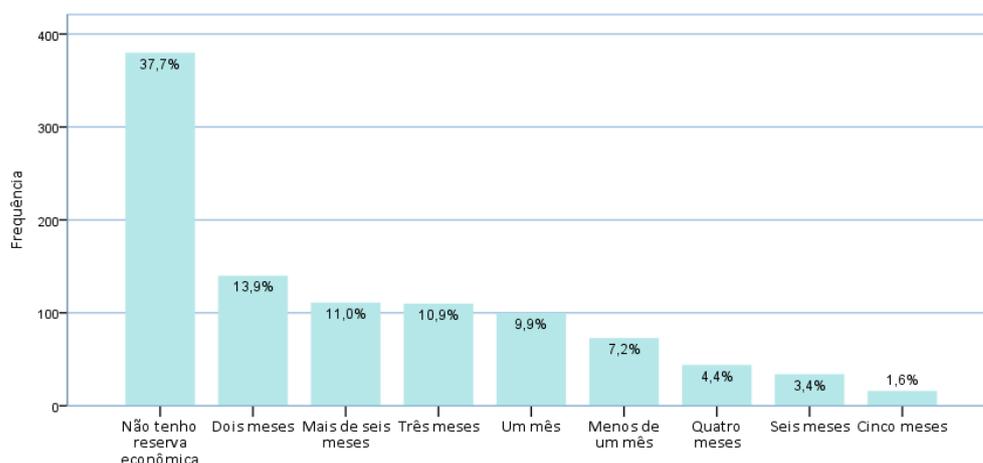


Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

A fim de complementar as informações a respeito das condições financeiras dos trabalhadores, eles foram questionados sobre o tempo durante o qual conseguiriam se manter face ao período de recessão que se apresentava.

Deduz-se da Figura 5 que, do total de respondentes, a maioria, 380 (37,7%) deles, não tem reserva financeira, uma quantidade significativa, 350 (34,7%) dos trabalhadores, conseguem se manter em um período curto (entre um e três meses), ao passo que apenas 111 (11%) conseguirão se manter por mais de seis meses.

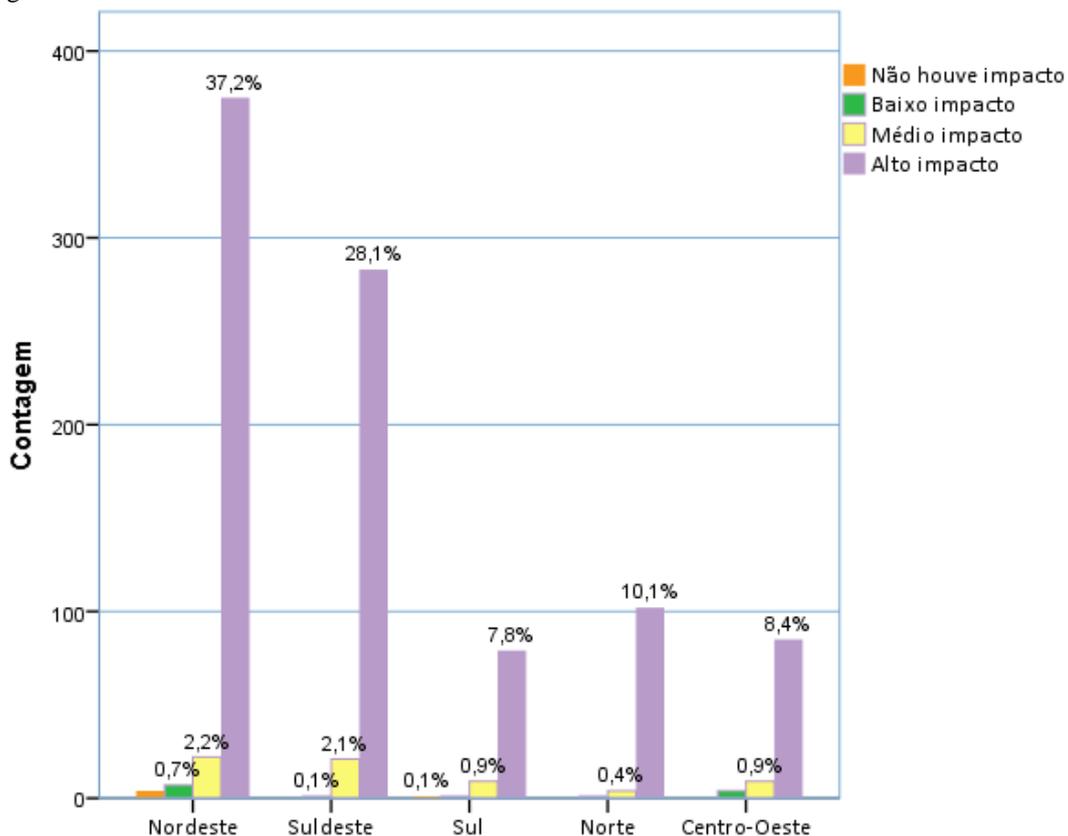
Figura 5– Reservas financeiras que os trabalhadores do turismo têm para se manterem durante a pandemia da Covid-19.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Quanto aos impactos gerais da pandemia da Covid-19 em seu trabalho – Figura 6, 924 (91,7%) dos respondentes os avaliaram como alto; 65 (6,4%) como médio; 14 (1,4%) como baixo; e 05 (0,5%) consideraram que não houve impactos em seus trabalhos.

Figura 6 – Impactos gerais da pandemia da Covid-19 no trabalho dos trabalhadores do turismo por região.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Verifica-se que tais dados são condizentes com as respostas sobre a situação da empresa e da situação trabalhista dos respondentes e refletem o momento atual de fechamento ou interdição dos locais de trabalho, bem como de situação de não trabalho e demissão dos trabalhadores.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou investigar os impactos socioeconômicos da pandemia da Covid-19 nos trabalhadores do turismo no Brasil, a partir das perspectivas deles. O cenário mundial de impactos negativos no setor de turismo apontado na literatura também se repete no Brasil, com fechamento de empresas, desemprego, precarização das condições de trabalho, diminuição da renda dos trabalhadores, entre outros.

As características dos participantes desta pesquisa se mantiveram similares ao apontado em outros estudos como baixa remuneração, maior presença de mulheres e jovens, autônomos, profissionais liberais e microempreendedores, entre outras observações.

Dos 1008 participantes apenas 07 declararam que não tiveram suas condições de trabalho afetadas pela pandemia, reforçando a profundidade do impacto da pandemia no setor de turismo e conseqüentemente, seus trabalhadores, que em sua imensa maioria se sentem altamente impactada pela pandemia, reforçado também pela questão financeira, já que muitos ficaram praticamente sem renda e, com poucos conseguindo outro trabalho.

Da mesma forma, é importante registrar que, há municípios como Gramado/RS, Bonito/MS, Belém/PA que tem uma representatividade considerável no turismo de seus respectivos estados, por exemplo e, que certamente foram consideravelmente impactados pela pandemia. A região Sudeste, que concentra a maior parte da massa salarial, também foi substancialmente impactada nas ACTs. Quanto à região Nordeste, reconhecidamente mais pobre e, de forte dependência do turismo, é possivelmente a mais afetada.

Os resultados deste estudo mostram-se relevantes porque, apesar de indicarem a situação de um grupo de 1008 trabalhadores do turismo, ele está alinhado com o cenário mundial e seus resultados podem indicar que a situação deles pode ser a de muitos outros trabalhadores do setor.

Faz-se pertinente para o conhecimento mais apurado dos impactos da pandemia da Covid-19 nos trabalhadores para que medidas, além das já tomadas, sejam mantidas e ampliadas, como também outras sejam criadas para auxiliar esses trabalhadores. Nessa perspectiva, como indicação de pesquisa futura, indica-se dar continuidade durante a fase pós-pandêmica para que se compreenda mais a fundo a situação dos trabalhadores do turismo. Além disso, outros trabalhos frutos do levantamento de dados feitos serão desenvolvidos, contribuindo assim, com as discussões sobre esse tema.

Ressalta-se o desafio de realizar esse trabalho em uma condição incomum, na qual o pesquisador observa o objeto de estudo em pleno movimento, acontecendo na sua frente, a cada dia novas informações surgem e são divulgadas. Criando um cenário dinâmico que dificulta a reflexão e pode levar o pesquisador a se precipitar ao elaborar previsões do futuro das empresas e trabalhadores do setor turístico. O que na nossa percepção, pelo atual momento da pandemia da Covid-19, seria um mero exercício de especulação. Caminho este, não percorrido por este trabalho, visto que não fizemos projeções, apenas analisamos o momento – um recorte temporal.

No tocante às limitações da pesquisa, observa-se a amostra não probabilística, possivelmente pela forma de coleta de dados. Sua ampliação e diversificação da amostra, englobando mais trabalhadores de distintos lugares contribuiria para um cenário mais representativo.

Para estudos futuros, sugere-se ampliar a amostra, principalmente dos trabalhadores informais, grupo que fica muitas vezes à margem das estatísticas e conseqüentemente, das ações das políticas públicas.

## REFERÊNCIAS

- Alves, G. (2000). *O novo (e precário) mundo do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital* (1a ed.). São Paulo: Boitempo.
- Araujo, A. M. C., & Lombardi, M. R. (2013). Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. *Cadernos de Pesquisa*, 43(149), 452-477.
- Baldwin, R., & Mauro, B. W. di. (2020). Introduction. In R. Baldwin & B. W. di Mauro (Eds.), *Economics in the time of Covid-19* (pp. 1–30). London: Centre for Economic Policy Research (CEPR).
- Chinazzi, M., Davis, J. T., Ajelli, M., Gioannini, C., Litvinova, M., Merler, S., & Vespignani, A. (2020). The effect of travel restrictions on the spread of the 2019 novel coronavirus (COVID-19) outbreak. *Science*, 368, 395-400.
- Costa, S. (2020). *Pandemia e desemprego no Brasil*. 54(4), 969–978.
- Darsono, D., Rohmana, J. A., & Busro, B. (2020). Against COVID-19 pandemic: bibliometric assessment of world scholars' international publications related to COVID-19. *Jurnal Komunikasi Ikatan Sarjana Komunikasi Indonesia*, 5(1), 76-70.
- FGV, Fundação Getúlio Vargas. (2020). *Impacto econômico do COVID-19: propostas para o turismo*. (2a ed.). Rio de Janeiro: FGV Projetos.
- Gössling, S., Scott, D., & Hall, C. M. (2020). Pandemics, tourism and global change: a rapid assessment of COVID-19. *Journal of Sustainable Tourism*, 01–20.
- Higgins-Desbiolles, F. (2020). Socialising tourism for social and ecological justice after COVID-19. *Tourism Geographies*, 01–14.
- Malhotra, N. K. (2001). *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada* (3ª ed.). Porto Alegre: Bookmann.
- McNamara, M., Bohle, P., & Quinlan, M. (2011). Precarious employment, working hours,

- work-life conflict and health in hotel work. *Applied Ergonomics*, 42(2), 225–232.
- Meliani, P. F. (2012). Estrutura e distribuição espacial do trabalho formal e informal no turismo do Brasil: contributos geográficos ao planejamento turístico regional brasileiro. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1(17), 467–478.
- Meliani, P. F., & Gomes, E. T. A. (2010). Contradições entre a importância do trabalhador e a precarização das relações de trabalho no turismo: notas primeiras de uma pesquisa de tese para doutoramento. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1(13/14), 117–126.
- MTur, Ministério do Turismo. (2016). Por que investir no Brasil? Recuperado de <http://www.turismo.gov.br/programas/6193-investimentos.html#:~:text=O%20turismo%20%C3%A9%20a%20atividade%20do%20setor%20terci%C3%A1rio,pelo%20Conselho%20Mundial%20de%20Viagens%20e%20Turismo%20%28WTT%29>.
- Nery, C. (2020). Seis em cada dez empresas percebem efeito negativo da Covid-19 nos negócios. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28403-seis-em-cada-dez-empresas-perceberam-efeito-negativo-da-covid-19-nos-negocios>.
- Nicola, M., Alsafi, Z., Sohrabi, C., Kerwan, A., Al-Jabir, A., Iosifidis, C., & Agha, R. (2020). The socio-economic implications of the coronavirus and COVID-19 pandemic: a review. *International Journal of Surgery*, 78, 185–193.
- Organização Internacional do Trabalho - Departamento de Políticas Sectoriales. (2011). *Guía Práctica sobre la Reducción de la Pobreza a través del Turismo*. Ginebra: Autor.
- OIT, Organização Internacional do Trabalho - Departamento de Políticas Sectoriales. (2017). *Pautas de la OIT sobre trabajo decente y turismo socialmente responsable: Oficina Internacional del Trabajo*. Ginebra: Autor.
- Parisotto, A., & Elsheikhi, A. (2020). *Covid-19, jobs and the future of work in the LDCs: A (disheartening) preliminary account*.
- Rabahy, W. A. (2019). Análise e perspectivas do turismo no Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 14(1), 01 -13.
- Riadil, I. K. (2020). Tourism industry crisis and its impacts: investigating the indonesian tourism employees perspectives' in the pandemic of COVID-19. *Jurnal Kepariwisata: Destinasi, Hospitalitas dan Perjalanan*, 4(2), 01-15.
- Sakowski, P. A. M. (2015). *Mensurando o emprego no setor de turismo no Brasil: do nível nacional ao regional e local*. Brasília - Rio de Janeiro: Ipea.
- Tavares, M. A. (2004). *Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho*. São Paulo, Cortez.
- World Tourism Organization. (2020). *Impact assessment of the Covid-19 outbreak on international tourism*. Recuperado de <https://www.unwto.org/impact-assessment-of->

the-covid-19-outbreak-on-international-tourism.

World Tourism Organization. (2010). *International recommendations for tourism statistics 2008*. Madrid; New York: Autor.

World Tourism Organization, (UNWTO), & Telefônica. (2022). *Employment in tourism industries* ((UNWTO) World Tourism Organization & Telefônica, Eds.). World Tourism Organization (UNWTO).

Wren-Lewis, S. (2020). The economic effects of a pandemic. *Economics in the Time of COVID-19, CEPR*, 109-112.

---

#### FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

Silva, C. B. S., Lamas, A. S., & Nascimento, E. D. (2023). Impactos socioeconômicos ocasionados pela pandemia da COVID - 19 nos trabalhadores do turismo no Brasil. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 11(2), 256-275. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2023v11n2ID29230>

---